

Estatua equestre de Frederico o Grande, em Berlin

Se apraz á Providencia, na sua natural solicitude, encarregar a certos homens missões importantes a bem da humanidade, ou para salvação de um povo que o infortunio arrojou á borda do abysmo, ou para rapido engrandecimento de uma nação, até alli pequena, pobre e desprezada, Frederico II da Prussia parece ter sido um d'esses entes privilegiados.

O encargo que o destino lhe commetteu foi transformar uma monarchia nascente, mui limitada em territorio e povoação, empobrecida e devastada pela guerra chamada dos *trinta annos*, em que a envolveu o imperador Leopoldo I, transformal-a, dizemos, em um reino grande, poderoso e florescente.

O eleitorado de Brandeburgo, que seu avô, Frederico I, conseguiu elevar á cathegoria de reino, não por meio de acções gloriosas, mas sim a troco de concessões pesadas e humilhantes, exigidas pela corte imperial de Vienna d'Austria; esse paiz, que fôra, por assim dizer, o joguete de visinhos ambiciosos durante longo curso de annos, vendo-se obrigado constante-

mente a consumir os seus recursos e forças vitaes a prol de alheios interesses, ergueu-se á altura de potencia de primeira ordem, graças ao valor, energia e sciencia militar de Frederico II, e graças tambem ás illustradas reformas com que reorganisou e melhorou os diversos ramos da administração publica, ao mesmo tempo que dava impulso e animação ás industrias.

Na construcção d'este edificio grandioso luctou com difficuldades que a todos se antolhavam insuperaveis, menos ao seu espirito elevado, extremamente perseverante, e cujo valor e coragem cresciam perante os obstaculos e no meio dos perigos.

Foi d'esses dotes nobilissimos da sua alma, e do amor que os seus subditos consagravam á patria e ao rei, que elle e a nação tiraram alento e forças para repellirem e vencerem a quasi toda a Europa, que, invejosa da sua gloria, e atemorisada do vulto ingente que a nova monarchia de anno para anno ia assumindo cada vez maior, se arremessou de improviso sobre a Prussia, cuidando esmagal-a facilmente sob o peso de tantos e tão numerosos exercitos.

Mas de todos os seus inimigos saiu triumphante, alfim. Frederico II, correndo com incrivel rapidez de um a outro ponto da fronteira a embargar o passo aos invasores; correndo á frente dos seus exercitos, sempre inferiores em numero aos contrarios, venceu em batalhas campaes os austriacos, os saxonios, os francezes, os suecos e os russos.

As victorias das aguias prussianas foram devidas, ainda mais que ao ardor dos soldados, a um esforço extraordinario da intelligencia e do valor do soberano, no plano da batalha, e na intrepidez com que pelejava, arremessando-se com todo o seu estado maior de encontro ás phalanges inimigas, todas as vezes que julgava, como condição indispensavel do triumpho, dever incitar o enthusiasmo e ardor das suas tropas, expondo o seu peito ao ferro e ao fogo.

Foi na guerra general tão distincto, e na paz legislador tão sabio e reformador tão prudente, que mereceu a honra singularissima de ser em vida appellidado *grande*, não sómente pelos seus subditos, que desfructaram as vantagens das suas victorias e os dons do seu paternal governo, mas até pelos seus proprios inimigos, aos quaes tanto fez padecer na alma e no corpo.

De muitos outros modos mostrou Frederico II a grandeza do seu animo. E patenteou-a com a maior evidencia e brilho quando, depois de perder a batalha de Kolin, declarou de viva voz e publicou por escripto que a culpa fôra toda sua, não cabendo aos seus soldados parte alguma n'ella. Esta confissão na boca de um homem que tinha adquirido a justa reputação de ser um dos maiores capitães do seu seculo, constitue um genero de gloria, póde dizer-se, raro, porque mui poucos exemplos apresenta a historia de similhante abnegação, de um tal amor da justiça e da verdade.

Em campanha era um perfeito militar, sempre fardado com o uniforme das suas guardas, alimentando-se e dormindo com a mesma singeleza e frugalidade dos seus soldados, e dando de mão a todas as commodidades e apparato da realeza.

Nas ceremonias da corte apresentava-se em publico cercado de todo o esplendor da magestade. Fóra d'essas occasiões, em todos os mais habitos da sua vida, era simples no vestuario, frugal na comida, inimigo do luxo, economico em todas as suas despezas particulares, largo e rasgado em recompensar o merito e premiar serviços, lhano e affavel no trato, e só comsigo austero.

O seu espirito, dotado de pouco vulgar talento, era cultivado como raras vezes se encontra nos homens que o nascimento collocou em tão elevada posição. Versado nas letras e nas bellas artes, aprazia-se com a conversação dos sabios e dos artistas, tanto nacionaes como estrangeiros. Procurava com vivo interesse a companhia de uns e outros, e com alguns sabios, a que mais se affeiçoou, entretinha, estando ausentes, amiudada correspondencia.

As suas relações com Voltaire começaram sendo Frederico principe real, e, não obstante estreital-as a ponto de se tornarem familiares, conservou-as, depois de cingir a coroa, no mesmo grau de intimidade. A correspondencia entre estes dois grandes vultos do seculo XVIII é interessantissima, e occupa um distincto logar nas obras de Voltaire.

Para que não lhe faltasse genero algum de gloria, Frederico II tambem ambicionou as honras de auctor, e alcançou-as com geral applauso, dando á imprensa a sua excellente historia de Brandeburgo.

Nasceu Frederico II no paço real de Berlin aos 24 de janeiro de 1712. Subiu ao throno em 31 de maio de 1740, e falleceu em 17 de agosto de 1786 no seu palacio de *Sans-Souci*, bella residencia de campo fundada por elle, e tanto da sua predilecção, que o denominou *sem cuidados*, como querendo dizer — desenfado de cuidados.

Era filho e neto de dois soberanos do mesmo nome, e esta circunstancia levou alguns historiadores a chamarem-lhe erradamente Frederico III. Seu avô intitulou-se Frederico I, e seu pae Frederico Guilherme I.

Não deixou descendencia o illustre reformador da Prussia. A empreza a que tão arrojada e gloriosamente metteu hombros, e que tão adiantada deixou, foi continuada, embora com menos brilho, por seu sobrinho e successor, el-rei Frederico Guilherme II. O neto d'este ultimo soberano, que ao presente se senta no throno, por tal arte tem levado por diante a empreza de Frederico II, que a Prussia, que em 1740 apenas continha 2.240:000 habitantes, possue actualmente mais de 30.000:000 de almas. E quem sabe se em um futuro mais ou menos proximo, mau grado das resistencias que se manifestam, a Europa terá de ver toda a Allemanha reunida sob o sceptro dos Hohenzollerns.

Não tentámos escrever em tão poucas linhas uma biographia, que constitue um dos mais importantes capitulos da historia, não sómente da Prussia, ou da Allemanha, mas tambem da Europa, em todo o curso do seculo passado. O nosso fim, traçando este abbreviadissimo epilogo da vida de Frederico II, foi habilitar os nossos assignantes menos versados na historia para poderem apreciar o monarcha em honra do qual a nação agradecida erigiu o monumento de que nos vamos occupar.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

ACADEMIAS ITALIANAS

A *academia della Crusca* foi creada em Florença pelos annos 1582, com o louvavel intuito de depurar a lingua e a litteratura italianas. A sua denominação era já um symbolo, porque *crusca* significa em italiano a semea que está na peneira quando a farinha passou já para o fundo. A sociedade assim indicava que queria peneirar a lingua para separar a parte mais subtil da farinha da mais grosseira. As armas da academia *della Crusca* eram uma peneira com a seguinte legenda: *Il più bel fior ne cogli*. O seu vocabulario da lingua italiana, impresso por primeira vez em 1612, que vemos citado frequentes vezes pelos modernos lexicographos, é considerado como um modelo das obras n'este genero.

A *academia dos Arcades*, fundada em Roma por 1690, é devida ao afamado jurisconsulto e estimado poeta Gravina, e serviu de norma á que se creou em Lisboa no seculo XVIII, reinando o sr. rei D. José I. Cada socio inscrevia-se com o nome de um pastor da Arcadia. A celebre academia romana publica um fas-

ciculo mensal, onde se encontram muitas e mui notaveis memorias historicas e archeologicas.

A *academia del Cimento* foi estabelecida em Florença em 1657, sob a protecção do principe Leopoldo, depois cardeal de Médicis; e n'ella tiveram logar homens illustres como Borellio, o auctor *De motu animalium;* Viviani, o discipulo de Galileo e notavel geometra; Magalotti, e outros. A academia *del Cimento* dedicava-se especialmente ao estudo das sciencias physicas. As suas experiencias relativas á luz, á compressibilidade da agua, ao som, etc., foram muito uteis á sciencia.

PORTUGAL

CURIOSIDADES NATURAES

(Vid. pag. 336 do vol. x)

IV

GRUTA DO CABEÇO DE TRUQUEL

Continuando a serie de artigos sobre curiosidades naturaes, que principiámos a publicar no vol. x d'este jornal, trataremos agora de uma gruta muito notavel pela sua grandeza, e por mostrar signaes evidentes de que a mão do homem secundára alli a obra da natureza.

Na provincia da Estremadura, entre as villas de Porto de Moz, no districto de Leiria, e de Rio Maior, no de Santarem, corre a serra de Albardos, celebrada em a nossa historia pela tradição de um voto que alli fizera el-rei D. Affonso Henriques, e por um arco de pedra com a estatua d'este soberano, alli construido em tempos muito posteriores para commemorar e auctorisar aquelle facto, que é contestado pela boa critica [1].

Em um braço que lança a serra de Albardos para o concelho de Truquel, chamado *Cabeço de Truquel*, existe uma espaçosa gruta formada por grandes rochedos. Fizera-a com bastante capacidade a natureza, porém o esforço humano augmentou-a. Vêem-se na rocha vestigios indeleveis d'esse trabalho, que o volver de muitos seculos ainda não conseguiu apagar.

É tradição entre os povos circumvisinhos que esta gruta fôra habitada em eras mui remotas. Quanto aos habitadores, já se sabe que os designam com o nome de moiros, pois que o nosso povo não reconhece antiguidade mais remota que o dominio dos sarracenos.

Em outro qualquer paiz, d'entre os que vão agora adiante de nós no caminho dos progressos, ha muito que se teriam feito explorações n'esta gruta com fim de descobrir o mysterio que alli se occulta, isto é, a razão por que se intrometteu a arte em ampliar a obra da natureza.

Se a gruta foi habitada, seriam os povos primitivos, com alguma probabilidade, os seus moradores, pois não tinham outro genero de habitações. N'este caso era possivel que ahi se descobrissem, por meio de excavações, alguns dos instrumentos usados na edade petrea, com que se augmentasse a pequena collecção que o estado possue d'estas antiguidades, não obstante tudo indicar que o nosso solo deve encerrar muita cópia d'ellas. Com esses trabalhos se animaria o estudo dos tempos pre-historicos, ao qual presentemente estão applicando tanta attenção e desvelo as nações mais cultas.

Se o augmento que outr'ora deram á gruta foi feito para facilitar explorações mineralogicas, de que temos exemplos em outras localidades, do tempo da dominação romana, tambem era de grande conveniencia proceder-se alli a qualquer trabalho que esclarecesse este ponto.

Infelizmente, entre nós a curiosidade é pouca e quasi sempre mal dirigida. Até agora os raros curiosos que tem visitado a *gruta do Cabeço de Truquel* em má hora n'ella tem entrado, pois que se entretiveram em a despojar das estalactites que a adornavam.

Nos outros paizes, quando se descobre alguma d'essas lapas maravilhosamente fabricadas, ou esplendidamente ornamentadas pela mão da Providencia, vela-se pela sua conservação, por parte do proprietario ou da auctoridade, com tamanho cuidado como se se tratasse de preservar de ruina ou dilapidação um importante thesouro. E em taes mãos verdadeiro thesouro é sempre uma d'essas curiosidades naturaes, porque, além do valor inestimavel que ostentam n'aquellas galas e phantasias com que a natureza as decorou, dão causa, pela concurrencia de viajantes que attrahem, a maior movimento commercial, e ás vezes a grandes e salutares transformações economicas.

Em Portugal, que differença tão triste e humilhante para esta nação! Em Portugal, dizemos, quando se descobre alguma gruta, reluzindo toda com as brilhantes estalactictes que pendem da abobada, e com as estalagmites que se accumulam no solo, elevando-se com fórmas caprichosas até se unirem algumas vezes áquelles formosos e luzentes festões; quando se descobrem taes maravilhas, tem a sorte que ha pouco teve a riquissima gruta da serra de Marvão, cujos despojos vieram figurar em Lisboa, correndo o primeiro semestre d'este anno, em uma exposição publica, que aos olhos dos estrangeiros nos fez, sem dúvida, passar por barbaros!

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. a gravura e os artigos a pag. 311 e 335 do vol. VII.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

(Vid. pag. 156)

V

Assenta a villa da Povoa de Varzim em uma planicie nas margens do Oceano, e na altura de 41 graus, pouco mais ou menos, ao norte do equador. A povoação tomou a fórma triangular, e está distante da cidade do Porto uns 30 kilometros. Á vista de documentos officiaes, póde-se assegurar que a Povoa de Varzim é, depois da capital da provincia do Minho, a primeira terra em população n'essa provincia, apresentando-se aos olhos do viajante, quer vendo-a do mar, quer da terra, em magnifico panorama, do que se fará idéa clara observando a gravura que acompanhou o artigo anterior, a pag. 157.

A Povoa de Varzim tem boas ruas, algumas bem alinhadas, e excellentes edificações.

A maioria da população, que é muito laboriosa, dedica-se á pesca, e com este commercio especial alimenta a Povoa de Varzim constantes e importantes relações com toda a provincia do Minho, com a de Traz-os-Montes, e até com a Beira Alta. Outra parte da população vae tripular as embarcações que navegam n'aquella extensa costa, ou que demandam paragens mais longinquas, ao que vulgarmente se chama viagem de longo curso; e a parte não maritima, como ao diante se verá, em que entram os proprietarios, funccionarios publicos e pessoas abastadas e instruidas, entrega-se ao grangeio das terras, ás especulações do commercio e da industria, e ao cultivo das artes.

Nos ultimos annos, posto que os pobres pescadores não possam gabar-se de terem os poderes publicos attendido á sua precaria situação em todas as partes do paiz onde elles se acham congregados pela natureza do terreno; nos ultimos annos, dizemos, a população augmentou extraordinariamente, como vamos demonstrar.

O recenseamento da Povoa de Varzim, concluido em 1850, dava a esta povoação 2:224 fogos e 8:758 ha-

bitantes; em 1864 estes algarismos elevam-se a 2:352 fogos e 10:110 habitantes; e no principio do anno 1867 (data de um mappa estatistico que temos presente [1]) contavam-se alli 2:381 fogos e 10:577 almas, havendo, no transcurso do anno 1866, 77 casamentos, 385 nascimentos e 248 obitos.

Para apreciar a população d'este ultimo recenseamento classifical-a-hemos do seguinte modo:

OFFICIOS OU PROFISSÕES	HOMENS	MULHERES
Alfaiates	35	—
Assedadeiras	—	10
Barbeiros	24	—
Caiadores	50	—
Calafates	6	—
Carpinteiros	64	—
Cereeiros	2	—
Cesteiros	1	—
Cordoeiros	18	—
Costureiras	—	70
Ensambladores	4	—
Estucadores	3	—
Ferradores	5	—
Ferreiros	7	—
Fogueteiros	2	—
Funileiros	3	—
Latoeiros	1	—
Pedreiros	19	—
Pintores	5	—
Sapateiros	11	—
Sebeiros	1	—
Tamanqueiros	11	—
Tanoeiros	4	—
Tecedeiras	—	7

INDUSTRIAS OU PROFISSÕES	HOMENS	MULHERES
Advogados por provisão	1	—
Agentes de causas, legalmente habilitados	3	—
Almocreves	10	—
Bachareis formados em direito	2	—
Bachareis formados em medicina	1	—
Cirurgiões pela antiga eschola	2	—
Cirurgiões pela nova eschola	2	—
Doceiras	—	3
Ecclesiasticos	18	—
Emprezarios de açougues e marchantes	9	—
Mercadores de loiças	7	—
Pharmaceuticos	4	—
Pilotos de navios	6	—
Pessoas empregadas na pesca	3:200	—
Pessoas empregadas na pesca, feitura e concerto de redes, etc	7:930	—

INDUSTRIAS E ESTABELECIMENTOS	NUMERO
Botequins com bilhares	3
Botequins sem bilhares	2
Estalagens e hospedarias	5
Fabricas de chapeos	2
Lojas de fazendas de algodão e lã, mercearias, tavernas, etc	188
Padarias	29
Pharmacias	4

Os esclarecimentos ácerca da industria da pesca, cujo pessoal numerosissimo fica indicado no final da tabella acima transcripta, farão objecto de um capitulo á parte, por serem na verdade muito curiosos e muito importantes.

Na villa encontram-se 13 vehiculos de quatro rodas. Ha 4 diligencias diarias, com horario determinado, entre a Povoa de Varzim e o Porto; e 3 que, fazendo viagens regulares de Barcellos e Vianna do Castello, em transito pela Povoa, para o Porto, recebem passageiros n'aquella villa.

Além d'estas diligencias diarias, ha, durante a estação dos banhos, outras para Barcellos, Braga, Guimarães, Fafe, Lameira, Cerdeira e Porto, as quaes diligencias trazem ás praias da Povoa de Varzim, aproximadamente, 20:000 banhistas.

[1] Devemol-o á benevolencia do sr. Manuel Luiz Monteiro Junior, que já citámos.

O movimento commercial póde-se calcular bem, sabendo que o numero de carros e cargas de fazendas e vinhos que vem do Porto annualmente para a Povoa é de 2:600; de diversas terras, em generos de primeira necessidade para abastecimento dos povoenses, ou *póveiros*, como lhes chamam em todo o Minho, entram na villa 30:600 carros e 24:000 cargas.

A villa está dividida em tres bairros, correspondendo a denominação de cada um á da egreja que fica situada no respectivo angulo; isto é, onde está o templo da Conceição, chama-se bairro da Conceição; onde se acha a egreja de S. José, denomina-se bairro de S. José; e onde se vê a capella da Lapa, tem o nome de bairro da Lapa. Esta divisão foi feita ha poucos annos pelo administrador do concelho, com approvação da municipalidade.

Todos sabem, digamol-o mais uma vez com sincero pezar e como novo protesto contra tal incuria, que em o nosso paiz a instrucção publica anda, coitada! tão desamparada de bons esteios, que não é raro verem-se localidades sem o numero nem a especie de escholas necessarias á sua população. Estava, e está, n'este caso a villa da Povoa de Varzim. Em 1851 contava apenas uma eschola de instrucção primaria para o sexo masculino, e, segundo affirma o auctor das *Memorias historicas*, não se conhecia então alli nenhum outro estabelecimento de instrucção, e a mocidade, tanto de um como de outro sexo, vivia em quasi completa escuridão. Hoje tem só duas escholas primarias para o sexo masculino e uma para o sexo feminino. Mas não é bastante. A Povoa de Varzim, pelo numero e qualidade de seus habitantes, e pela posição em que se acha, como villa maritima, podia bem ser lembrada para uma eschola secundaria, ou para uma eschola de pilotagem, e com isto por certo que se lhe daria novo impulso, e se mostraria que não se negavam aos povoenses nem as luzes da civilisação, nem os meios de se engrandecerem e prosperarem.

Reconhecendo tão urgente necessidade, a junta geral do districto do Porto, na consulta que subiu para o governo no anno 1864, instou pela creação da eschola de pilotagem do seguinte modo:

«Pede esta junta o estabelecimento de uma eschola de pilotagem na Povoa de Varzim, terra que vive do mar e quasi no mar. É claro que n'essa eschola, além dos conhecimentos technicos, mais empiricos que philosophicos, se devem dar as indispensaveis noções de geographia commercial, organisando-se os programmas de modo que esta eschola não venha a degenerar em apparatos scientificos, que são a morte de estabelecimentos d'esta ordem.»

Cremos que a junta geral do districto do Porto não foi attendida n'este seu patriotico empenho. Pois devia sel-o.

VI

Vimos no capitulo antecedente que a população da Povoa de Varzim é de quasi 11:000 habitantes, e que a parte que se dedica á industria da pesca e aos mesteres correlativos d'esta industria se eleva a 8:000 almas. Isto não admira tanto como os algarismos que se referem aos meios da producção e á producção piscatoria, cujo mappa, que temos presente, com relação ao anno 1866, desenvolveremos, para conhecimento do leitor, do seguinte modo:

Contava no dito anno a Povoa de Varzim 320 barcos de pesca, os quaes tinham em acção, pouco mais ou menos, 25:600 redes e 3:000 linhas de anzoes, sendo o valor das redes de 204:795$000 réis e o das linhas de 720$000 réis.

O producto das transacções realisadas na villa, tanto pelos pescadores directamente como pelas pessoas que negoceiam com o pescado, elevava-se a 230:000$000 réis; e o producto das pescarias vendidas pelos pes-

cadores povoenses desde Caminha até á Figueira fôra calculado em 180:000$000 réis. O imposto pago na estação fiscal pelo pescado vendido na villa em 1866 fôra de 5:000$000 réis.

Saem annualmente para a cidade do Porto não menos de 1:600 barricas com sardinha, e, sem exaggeração, mais de 3:000 cargas de peixe.

O numero das cargas de peixe que da Povoa de Varzim sae para as provincias do Minho, Traz-os-Montes e Beira Alta é, porém, incalculavel. Asseguram os conhecedores da Povoa que se, em qualquer mappa estatistico, podesse figurar com verdade a importancia da exportação do peixe para aquellas provincias, poucas pessoas o acreditariam, por se lhes figurar maravilhoso. Não ha alli, todavia, multiplicação milagrosa, porque tudo é devido ao esforço, que se poderá chamar sobrehumano, dos ousados pescadores.

As especies de pescado que se vendem na villa constam da seguinte nota: agulha, airoga, alecrim, anjo, azevia, badejo, bebedo, boca-torta, bodião, boga, bonito, bôto, brêta, brota, bruxa, cabra, cação, cachorra, camarão, cão, capatão, caranguеja, caranguejo, cascarra, cavalla, cherne, chicharro, chôco, choupa, congro, corvina, dentilha, enxôva, espada, faneca, fanêco, ferreta, gallo (ou alfaquim), gato, goraz, judeu, lagosta, lavagante, linguado, litão, lixa, lula, lulão, marachomba, maragota, melga, mello, moreia, navalheira, olho branco, olho verde, orelhão, páo, pachão, panadeira, papoula, patello, pescada, polvo, prego, raia, ratão, rei, roballo, rodovalho, rouco, ruivo, salmonete, sant'antonio, sapo (ou tamboril), sardinha, sargo, savel, savelha, serra, serrão, solha, tainha, toninha, tintureira, tremedeira (ou tremelga), urze, vesugo, viuva.

D'estas especies as mais saborosas e estimadas são: agulha, azevia, cachorra, congro, corvina, enxova, gallo, lagosta, linguado, mello, moreia, pescada, rei, roballo, rodovalho, ruivo, salmonete, sargo, savel, savelha, solha e tainha.

(Continúa) BRITO ARANHA.



Povoa de Varzim, lado do poente — Egreja da Lapa e pharol

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 163)

VII

BALTHAZAR

Pedro viu Maria ajoelhada na praia, onde a donzella orava, chorando pelo pae, que não tinha voltado na vespera.

Os outros viram a gente que por alli andava; mas cançaram-se debalde, porque não poderam conhecel-a da distancia em que se achavam.

O compadre Balthazar meditou um momento.

Sem ser completamente estupido, este bom homem era completamente infeliz todas as vezes que tomava uma resolução em resultado das suas reflexões. Quando seguia o primeiro impulso, não se distinguiam os seus actos dos das outras pessoas da sua esphera; mas quando obrava depois de ter meditado o que havia de fazer, era asneira certa. Todos sabiam isto, e a familia tremia de o ver pensativo. Em coisas relativas ao barco e aos negocios da pesca, nunca o compadre Sebastião lhe dava tempo de reflectir. Quando elle lhe propunha qualquer innovação no contrato da sociedade ou concerto no batel, dizia-lhe sempre:

— Responda já: sim ou não?

A primeira vez que se afastou d'este uso pagou-o caro. Tinham tido uma pesca feliz. Vendo o barco cheio de peixe, lembrou-se Sebastião de que não o venderiam tão bem em Avelomar como na Povoa, que é d'alli meia legoa, onde se achava então muita gente a banhos. Consultou o compadre Balthazar, e este meditou um instante sem que o outro fizesse reparo. Depois respondeu: «que em vez de irem á Povoa, sería muito melhor irem ao Porto, que era uma grande cidade, onde lhes pagariam bem o peixe; e que as cinco legoas se navegavam depressa, porque tinham vento norte; e que no outro dia estariam de volta com um bom par de moedas.»

Quadravam bem ao Sebastião estas razões, que lhe afagavam a cubiça; e, sem pensar no mau sestro do compadre, endireitou a prôa para o sul.

Alli pelas alturas do Mindelo começou o vento de escassear; entrou o panno a bater, o sol aqueceu, o batel não tinha toldo, e foi necessario deitar as mãos aos remos por um calor de rachar. Era já noite fechada quando abicaram á barra. Todos iam desesperados, quasi mortos de trabalho, aborrecidos, e praguejando contra a lembrança de que a principio diziam maravilhas.

Ao entrar, o barco bateu com força n'uma pedra e

abriu um rombo formidavel. Custou muito a susterem a agua até chegarem á praia do castello da Foz, onde vararam; e, depois de encalhado e escoado o batel, estiveram os dois compadres para se matarem um ao outro!

O peixe, vendido no dia seguinte, e já meio corrompido, não chegou para o concerto da embarcação.

A gente voltou a Avelomar, tres ou quatro dias depois, esfomeada e magra, como se saísse de um carcere da inquisição.

A segunda vez que Sebastião se não insurgiu contra a meditação de Balthazar foi á vista da nuvemsinha. Se tivessem partido logo para terra, em vez de deitarem novamente as linhas para apanhar mais meia duzia de congros, não teriam corrido tamanhos perigos e estariam em casa socegados.

Que sairia da terceira meditação de Balthazar, e como a receberia o compadre Sebastião?

— Compadre, vossê, que sabe inglez, peça ao capitão que metta um pouco mais em cheio; o vento não está lá muito rijo, e, aproximando-nos da terra, poderemos talvez ganhar na lancha as praias da Fragosa ou da Lagôa. O navio é fino e vira facilmente; logo que nos largue tornará a fazer-se ao largo, e nós escusâmos de ir ao Porto.

— Isso é bom, compadre Balthazar... isso é bom de dizer; mas o capitão quererá pôr em risco o navio, chegando-o para uma costa tão aparcellada como a nossa? nem me parece que nós poderiamos chegar á praia sem nos levar a fortuna antes d'isso. D'aqui não se vê, porque estamos a boa meia legoa; mas olhe que o rôlo deve ser maior que uma torre; e se nos embrulhasse fazia-nos em fanicos.

— Eu cá parece-me que não haveria novidade... não é por nós, bem sabe; porém a minha pobre Anna, coitada, que me julga morto, a mim e ao rapaz... e a comadre Josepha... E a minha afilhada... que Pedro diz que vê a chorar na praia pelo compadre?! Eu não duvido nada que veja; aquillo sempre tem uma vista!... Coitadinhas! Era só para as consolar, a todas as dos que vamos aqui!... Nanja por nós, torno a dizer; mas por ellas...

Os companheiros juntaram-se e fizeram côro com Balthazar.

Sebastião Palmeiro hesitava por prudencia; porém o coração tambem lhe dizia que era generosidade arriscar-se para ir enxugar os prantos da esposa e da filha.

Occultou uma lagrima e fez o pedido ao capitão. Este observou-lhe que o mar estava muito levantado e o noroeste muito forte; que iriam expor-se a uma morte certa, porque elle não podia, com aquelle tempo, aproximar-se muito mais da costa; que reparassem como o batel jogava e mettia agua, apesar de ir tão seguido com o reboque dado pelo navio, e que peior seria quando fosse só com o seguimento das suas velas.

Sebastião, reconhecendo a sisudeza das observações e confessando-a, insistiu, todavia, pelo favor pedido.

Avelomar ficava já ao norte do brigue; o inglez, antes de se fazer no bordo da terra, virou varias vezes por d'avante, como para experimentar se o navio mentia de alguma d'ellas; e, depois de se assegurar que elle obedecia fielmente ao leme, poz a prôa na terra, orçando sempre quanto podia para retomar a altura da povoação.

Chegando defronte da praia de Esteiro, que toma o nome de um pequeno rio que passa por Aldeia Nova, atravessou; e, apesar de descair muito, fez abrigo para que os pescadores podessem saltar para a lancha. Esperou que mettessem os mastros e largassem as velas, e só depois que os viu ir seguidos é que retomou o seu rumo.

VIII

ULTIMAS MEDITAÇÕES DO COMPADRE BALTHAZAR

A fragil barquinha aguentou-se ao principio quasi sem grande difficuldade; os do navio, que se afastavam receiosos de a ver sossobrar a todo o instante, ficaram contentes quando notaram que ella se portava tão bem com o mar.

O compadre Sebastião preferiu correr á bolina, porque a lancha era dura de borda, e galgava melhor as ondas de soslaio do que atravessando-as. Poz a prôa nos penedos que dividem a praia da Aradinha da de Carreiro, e andou assim menos mal por espaço de um quarto de hora.

A terra ficava a distancia de dois kilometros, pouco mais ou menos; e como o barquinho rolava muito, com as vagas que vinham por través bater-lhe no costado, iam-se aproximando d'ella rapidamente. Os homens todos, á excepção do piloto, tinham-se agarrado á borda de barlavento, e ninguem dava palavra. De quando em quando ouviam-se as escotas, retezadas e açoitadas pela força do vento, resoar como bordões de viola; os mastrosinhos vergavam e davam estalinhos. Balthazar ia pensativo!...

— Compadre Sebastião, o vento póde crescer mais ainda, e parece-me que estamos perdendo um tempo precioso com a navegação que fazemos.

— Por que diz isso, compadre?

— Porque á bolina adiantâmos pouco caminho, e não chegaremos a terra com dia, se Deus Nosso Senhor permittir que nos salvemos. Pense o que será de nós se nos apanha a noite n'esta altura com o temposinho que está.

— Mas que quer o compadre fazer?

— Parecia-me bom darmos a pôpa ao vento e proejarmos para a Fragoza, onde chegaremos em menos de meia hora, com a ajuda de Deus e da Senhora das Neves.

— Compadre Balthazar, replicou Sebastião gravemente; a lancha não aguenta o balanço com este mar. Se lhe dermos a pôpa, a primeira onda virá alagarnos.

Balthazar abanou a cabeça.

— O compadre sabe que eu ando aqui ha quarenta annos e que nunca me alaguei.

Sebastião córou ligeiramente, tossiu, assoou-se e deixou passar alguns segundos antes de responder. Depois d'essa pausa disse friamente:

— Pois eu já naufraguei sete vezes... em navios de alto bordo. A primeira foi no mar da China; a segunda nas proximidades do Maranhão; a terceira no mar Pacifico...

— Ta, ta, ta, ta! exclamou Balthazar. O compadre vae contar-nos a sua historia, que já todos sabemos. Ninguem duvida da experiencia do compadre, que tem visto muito mundo; mas isto aqui é outro cantar! E vossemecê póde entender as coisas lá dos navios grandes, mas cá das nossas catraias ha de me dar licença que eu saiba tambem um pouco. Esta lancha póde muito bem com o panno, e, se nós tivessemos vindo velejados a um largo, já estariamos provavelmente em terra.

A fatalidade dava sempre razão a Balthazar.

Toda a companha, incluindo Pedro, pediu que se manobrasse para correr em cheio contra a terra.

Sebastião assumiu um ar solemne e respondeu:

— Quando fizemos a sociedade, foi com a condição de que eu tomaria o governo do batel, e que só se faria o que eu mandasse...

— É verdade, é verdade, clamaram varias vozes; mas nós não queremos morrer.

— Pois eu affirmo, tornou o velho piloto, que morreremos todos se tomarmos rumo differente do que levâmos agora. Tambem eu não quero morrer! Sou

talvez o unico aqui que não sabe nadar!... Para que diabo me serviria, pois, teimar, se não conhecesse que só indo d'este modo nos salvaremos?

O Balthazar ficou um pouco atrapalhado e meditou outra vez.

— Compadre Sebastião, nós não podêmos estar todos em erro e vossemecê só na razão. Logo, isso é birra e emperramento para mostrar a sua auctoridade. Vamos aqui seis homens, todos maduros, e este rapaz, que não é por ser meu filho, mas parece-me que ha de ter o miolo no seu logar, apesar do que diz o sr. padre Manuel, que o acha tapado. Ora se nós seis, e com o rapaz sete; se nós sete pensâmos o contrario do que quer lá na sua o compadre, bem vê que não é de razão, como o outro que diz, arrumar assim os pés á parede e dizer: arre p'r'alli.

O discurso de Balthazar produziu, como era de esperar, o effeito que sempre produzem os discursos dos oradores das maiorias, sejam quaes forem as circumstancias em que elles os profiram. Todos gritaram que Sebastião os queria matar de proposito; que se elle tinha vontade de morrer, a coisa era facil; entregasse o leme a Balthazar e saltasse por cima da borda.

O compadre Balthazar saboreava o seu triumpho como o deputado que derrota um ministerio.

A companha exigiu que elle tomasse a direcção do barco, e Sebastião entregou a pasta, isto é, a canna do leme, como um ministro caído entrega ao seu successor a secretaria de estado.

Apenas o compadre Balthazar pegou no leme, mandou logo folgar as escotas e arribou na direcção da praia da Fragoza.

Infelizmente, as previsões de Sebastião realisaram-se com tão fatal rapidez, que nem sequer houve tempo para se acabar de dar volta aos cabos!

Uma vaga immensa avançou para a pôpa da casquinha de noz, como um batalhão cerrado que investe um ponto estrategico insignificante, e passou por cima d'ella com tamanha violencia, que o grito de «Misericordia», que quizéram soltar os pescadores, expirou-lhes nos labios, abafado pela agua. Batel e homens, tudo desappareceu na voragem.

(Continúa) F. Gomes de Amorim.

PISCICULTURA

(Vid. pag. 142)

IV

Exponhamos agora as bases scientificas da piscicultura [1].

Os peixes multiplicam-se por meio de ovos.

São os peixes femeas que os geram e expulsam, em certas epochas do anno, e em certos logares que mais convenientes lhes parecem para a desenvolução dos mesmos.

Mas os ovos saídos das femeas não se transformam em novos peixes se sobre elles não actuar um liquido especial, cuja elaboração se opera em orgãos para esse fim destinados, que só os peixes machos tem, liquido que alguns denominam latancia, e que se póde chamar liquido fecundante.

A maneira por que procedem alguns peixes, machos e femeas, para realisarem aquelle importante e mysterioso acto, que tem por fim a perpetuação da especie, merece ser miudamente exposta.

Referir-nos-hemos ás pacientes observações de Remy, relativas á procreação das trutas.

É pelo meiado novembro que estes saborosos peixes costumam desovar.

Para isso deixam os rios, enfiam pelas ribeiras acima, e vem procurar no alto das mesmas, onde a agua é menos agitada, logares onde construam seus ninhos.

Chegados alli, começam de deslocar algumas pedrinhas, e de pol-as de modo que a força da corrente n'ellas se quebre e modifique por maneira que não arraste comsigo os ovinhos que as carinhosas mães (até nos peixinhos este amor existe, e bem engenhoso) em breve de si hão de lançar.

Quando o berço aquatico, para construir o qual se servem das barbatanas, principalmente da caudal, está prompto, começa a desova, que effectuam esfregando muitas vezes, ao de leve, o ventre pelos seixos que jazem no alveo do rio, e depondo os ovos nos espaços existentes entre as pedras que préviamente tinham disposto.

Feito isto, intervem os machos. Nadando vagarosos por cima dos logares em que estão os ovos, vão derramando sobre elles o liquido fecundante. N'aquelle momento a agua perde a sua natural limpidez; mas não tarda a readquiril-a.

Afastam-se os paes, cumprida a sua missão, e occorrem as mães a protegerem os filhos, ainda em germen. Roçando-se novamente sobre a areia, procuram e conseguem cobrir com ella os ovos fecundados.

Apesar de todos os desvelos, succedem amiudadas vezes accidentes que sacrificam a totalidade da postura ou grande parte d'ella, e que ou destroem completamente a geração nova, ou muito e muito a dizimam.

Basta que as correntes se tornem impetuosas, que o nivel das aguas baixe além de certo limite, que especies vorazes por alli rondem, para que seja inevitavel o anniquilamento dos novos entes [1].

Da observação de todos os factos que deixâmos expostos, e de outros que omittimos, nasceu a piscicultura, que ora se encarrega de coadjuvar, podêmol-o dizer assim, os peixes na construcção de seus ninhos, e de defender os ovos e os recem-nascidos dos numerosos perigos a que estão expostos, para, quando adultos, lhes dar liberdade ou os enviar como colonos para outras aguas; ora, como depois diremos, promove a desova; dirige o acto fecundante; conserva nas condições apropriadas os ovos, para que vinguem os peixinhos; sustenta estes, e, criados que estejam, envia-os a repovoarem as aguas d'onde aquellas especies tinham desapparecido, ou a enriquecerem as em que as não havia.

São quatro os principaes processos de piscicultura: ninhos ou desovarios, fecundação artificial, incubação e colonisação.

Antes de dizermos em que consiste cada um d'estes processos, convem consignar uma observação de mr. Coste a respeito da fixação ou não fixação dos ovos dos peixes.

Segundo aquelle naturalista, os peixes, considera-

[1] Não terminaremos estes artigos sem advertir os leitores de que a alguem parece improprio o termo *piscicultura*, que, traduzido, quer dizer *cultura do peixe*, para denominar a arte ou methodo de favorecer a multiplicação dos peixes.

Concordâmos em que não é muito rigoroso; mas cremos que já agora não será substituido por outro mais adequado.

[1] Um exemplo bastará para que os nossos leitores façam idéa da reducção que experimentam as especies que vivem nas aguas, pela acção destruidora de phenomenos naturaes e pela influencia do homem.

Todos os naturalistas que tem escripto a respeito da ostra comestivel *(ostrea edulis)* mencionam a prodigiosa fecundidade de tão precioso mollusco.

Ha quem affirme produzir cada ostra dois a tres milhões de ovos. Outros, talvez mais chegados á verdade, dizem que póde cada ostra gerar annualmente cincoenta a sessenta mil ovos. Pois está averiguado que, n'um anno de abundancia, só dez ou doze ficam sobre a concha da mãe. Todas as mais ou morrem nos lodos, ou são levadas e destruidas pelas ondas, ou servem de pasto a uma multidão immensa de animaes marinhos.

O homem não é dos menores inimigos das ostras.

Em 1864 dizia um escriptor bem informado que só em Paris se consumiam annualmente oitenta milhões de ostras. De Lisboa foram para o porto de Arcachon, desde dezembro de 1866 até maio de 1868, mais de treze milhões d'aquelles molluscos, talvez para viveiros.

Estes numeros são insignificantissimos em relação aos que representam o consumo geral das ostras.

dos relativamente á piscicultura, podem dividir-se em dois grupos: um comprehendendo as especies cujos ovos, apenas postos, se prendem ás plantas, ás pedras e a quaesquer outros corpos que encontrem; e o outro formado das especies das quaes os ovos ficam livres, isto é, assentam, sem adherirem, na areia, na vasa ou nos espaços existentes entre as pedras. As carpas pertencem ao primeiro grupo; as trutas e salmões ao segundo. Está averiguado que para a multiplicação dos peixes do primeiro grupo é preferivel o processo dos ninhos; e para a multiplicação dos do segundo convem mais o processo da fecundação artificial.

Dito isto, exponhamos os processos.

Chamâmos ninhos aos logares que os peixes procuram para desovarem [1]. Como as especies cujos ovos se fixam escolhem para os porem os sitios onde haja hervas, raizes ou pedras, o cuidado do piscicultor consiste em dispor as coisas de modo tal que a desova se faça só em sitios por elle escolhidos e preparados. Consegue-se isto deixando n'aquelles logares hervas e pedras, e arrancando-as dos outros onde não conviria que as femeas desovassem. Logo que está concluida a desova e fecundados os ovos, tiram-se para apparelhos preparados para recebel-os.

Distinguem os piscicultores os ninhos em *naturaes* e *artificiaes*. Os primeiros são aquelles em que existem plantas ou pedras, sobre as quaes os ovos assentem; são os segundos os em que não ha corpos em que os peixes possam depositar a postura.

Podem fazer-se os ninhos artificiaes de differentes maneiras. Usam uns de mólhos de relva postos em series e convenientemente seguros; outros de vasos de loiça ou de caixas de madeira, pouco fundas, contendo plantas marinhas; outros, finalmente, de grades de madeira cobertas de raizes, de ramos miudos ou de mólhos de urzes.

Mez e meio ou dois mezes antes da epocha em que se suppõe que a desova se realisará, collocam-se aquelles recipientes nas margens cujo declive é suave, em sitios em que dê o sol e pouco abaixo da superficie da agua. Concluida a desova, tiram-se.

Eis como se faz a fecundação artificial [2]. Encarceram-se as femeas e os machos destinados á reproducção em reservatorios apropriados, até que os ovos e a materia fecundante estejam perfeitos. Chegada a occasião, que a experiencia indica qual seja para cada especie, opera-se do seguinte modo: Toma-se um vaso grande de loiça ou de vidro, de fundo chato; deita-se-lhe um ou dois litros de agua muito clara, e, sendo possivel, de composição analoga á da agua em que vive a especie que se pretende multiplicar; e põe-se sobre uma mesa, para n'elle lançar os ovos da femea. Para isto, pega-se no peixe com a mão esquerda, de maneira que a cabeça do animal fique para cima e o dorso encostado á palma da mão; apoia-se o pollegar da mão direita em um dos lados do peixe e os outros dedos no lado opposto, e faz-se uma suave fricção de cima para baixo. D'este modo são os ovos impellidos para a abertura anal, saem facilmente e precipitam-se na agua. Pega-se em um peixe macho, suspende-se do mesmo modo sobre o vaso em que estão os ovos e fricciona-se como se friccionou a femea. O liquido fecundante começa logo a correr e a cair na agua, que se turva ligeiramente, tomando o aspecto do soro de leite. Para se conseguir este resultado não é necessario empregar todo o liquido fecundante que o macho póde fornecer.

Para que o contacto do liquido fecundante e dos ovos seja intimo, e é indispensavel que o seja, agita-se suavemente a agua do vaso com um pincel muito comprido.

Tambem se consegue misturar intimamente os ovos e o liquido fecundante empregando, em logar do vaso de loiça ou de vidro, um cesto ou um peneiro de malhas muito estreitas, levantando-o, abaixando-o e movendo-o em todas as direcções, sem nunca o tirar de dentro da agua.

Agitado o liquido por qualquer d'estes dois meios, deixa-se repoisar por um ou dois minutos. Decorridos estes, está a fecundação operada.

É coisa averiguada que os ovos provenientes de femeas mortas dez ou quinze horas antes da operação, podem ser fecundados tão perfeitamente como os extrahidos de femeas vivas.

Fecundados os ovos, ou se deitam, com a agua que os contém, em apparelhos apropriados ao nascimento dos peixinhos, se a incubação tem de se fazer no logar onde a fecundação se operou; ou se passam para caixas construidas especialmente para aquelle fim, se os ovos tem de se enviar para outros logares.

A escolha dos apparelhos em que os ovos devem permanecer até que nasçam os peixitos é ponto de grande importancia.

A primeira condição a que devem satisfazer é serem feitos de tal modo, que a agua esteja sempre a renovar-se, mas correndo não muito rapidamente.

A circunstancia de estarem os ovos em agua corrente obsta a que se formem byssus [1], que os destroem ás vezes completamente.

Importa tambem muito attender á materia de que os apparelhos são feitos. Estão condemnados os de metal, porque os metaes, principalmente em contacto com a agua, oxidam-se e experimentam outras alterações de composição prejudiciaes aos ovos e aos peixes. Os de madeira não são bons, porque as madeiras alteram-se com muita facilidade, e communicam á agua gosto, cheiro e outras propriedades nocivas aos animaesinhos. Nenhum d'estes inconvenientes tem os apparelhos de barro cozido, de porcellana esmaltada ou os de vidro.

No *Zoological-Gardens* de Londres usavam-se, e suppomos que ainda se usam, apparelhos de vidro, que, além de outras vantagens, tem a de deixarem ver todos os actos da vida dos peixes.

Remy servia-se de caixas de folha de Flandres cheia de buraquinhos, e collocadas sobre a areia, em sitio em que a agua corresse bem. Ora, como não basta que os ovos vinguem, mas é indispensavel tratar desveladamente dos recem-nascidos, e isto se não póde conseguir com o simplissimo apparelho de Remy, está aquelle apparelho justamente condemnado.

O de que se serve mr. Coste, além de simples e barato, satisfaz ás exigencias da operação.

(Continúa) SOUSA TELLES.

RECTIFICAÇÃO

A pag. 129, col. 1.ª, em vez de =Cingia por esse tempo a mitra eborense o cardeal infante D. Henrique= deve ler-se =Cingia por esse tempo a mitra eborense o cardeal infante D. Affonso=.

---

1 Parece-nos que se póde empregar a palavra *ninho* para indicar o logar onde certas especies ichtyologicas depõem os ovos. Alguem chama áquelles logares *desovarios*. Os francezes empregam para indicar os ninhos dos peixes o termo *frayère*.

2 O processo que expomos é o que empregou mr. Coste no curso de piscicultura professado no collegio de França.

1 Já em outra parte empregámos o termo *byssus*, e póde acontecer que nem todos os leitores saibam o que significa. Denomina-se *byssus* uma especie de bolor que se desenvolve nos ovos dos peixes, e que dá cabo d'elles. Este bolor é formado de plantas cryptogamicas, isto é, de plantas de organisação extremamente simples, e que só podem ser bem estudadas com o auxilio do microscopio.

As cryptogamicas desenvolvem-se muitas vezes sobre as plantas mais perfeitas, sobre os animaes, e até em differentes orgãos do homem. Não ha muito tempo, achou o sr. dr. May Figueira uma planta cryptogamica nos pulmões de um homem que morrêra no hospital de S. José. A molestia das uvas é devida a uma cryptogamica.

Os sapinhos, de que tanto soffrem as crianças, e a tinha, são molestias devidas a plantas cryptogamicas, que se desenvolvem na boca e nos cabellos.